

O desafio de aprimorar a mão-de-obra

Se o governo brasileiro incrementar a formação de mão-de-obra especializada em 10% ao ano, somente no século XXI, exatamente em 2003, o País conseguiria superar o hiato do grande contingente que entra no mercado de trabalho sem qualquer capacidade para operar atividades consideradas típicas do mundo industrializado. Esta constatação faz parte de um estudo realizado recentemente por assessores técnicos do Ministério do Trabalho, responsáveis pelo acompanhamento da evolução da mão-de-obra no Brasil.

De acordo com os estudos, anualmente entram pela primeira vez no mercado de trabalho cerca de 1.500.000 trabalhadores, precisando de algum tipo de especialização. Entretanto, em função de investimentos considerados ainda pequenos, o Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra, que reúne entidades como Senai, Senac e empresas privadas, entre outras, consegue dar atendimento a apenas 200 mil participantes, ou seja, a 14% das necessidades nacionais.

A assessoria técnica do Ministério acredita que torna-se urgente uma maior preocupação, principalmente no próprio campo empresarial, e a definição de uma política de longo prazo que consiga reverter a situação, elevando o nível da mão-de-obra brasileira. Com um incremento de 10% na formação de mão-de-obra, em 2003 seria possível atender 50% dos novos ingressados no mercado.

O atendimento completo ocorreria em 2030. Enquanto para dar cursos e treinamentos de mão-de-obra em 1985 deverá ser gasta uma quantia próxima dos Cr\$ 430 bilhões, e em 2030 este valor subiria para cerca de Cr\$ 7 trilhões.

De toda a População Econonomicamente Ativa Brasileira (PEA), observam os técnicos, apenas 7% dela teria condições de capacitar-se, por possuir alguma formação básica curricular, para operar máquinas informatizadas. Esta realidade, segundo eles, teria de ser revertida rapidamente, caso o País queira marchar firmemente em direção a uma sociedade desenvolvida. No Brasil, o número de empresas que usam equipamentos informatizados não ultrapassa a 1%, enquanto nos Estados Unidos gira em torno de 56%.